

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E VERDADE(S)

VOLUME 23, 2002

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**NACIONALIDADE BRASILEIRA E PROJETO MODERNO:
ENTRE A INCORPORAÇÃO DA DIFERENÇA
E A INTROJEÇÃO DA CULPA****

Ocupa-se o presente trabalho da perplexidade manifestada pelo projeto da modernidade — entendida enquanto processo fundado na crença no potencial da razão emancipatória dos povos e no progresso da ciência — no momento da sua adequação ao Brasil. Para tanto, procuramos trabalhar esse fenômeno focando, muito particularmente, o caso de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões* (publicado, pela primeira vez, em 1902), por considerá-lo expressão de toda a complexidade intelectual decorrente dos desafios impostos pelo caso brasileiro ao projeto moderno. E mais: por considerá-lo também, em virtude do modo tensional como nele se realiza o conhecimento do brasileiro sertanejo, autor de um discurso nuclear na busca de uma identidade nacional brasileira.

O que intentamos perceber é exactamente o nó crítico formado quando as pontas do tecido discursivo da nacionalidade encontram-se com a diferença. Trata-se, para além disso, de deixar claro de que modo a problemática da identidade coletiva é manipulada à luz de um manancial teórico (moderno) que lhe demanda coesão e univocidade. Importará, então, reflectir acerca da relação

*** Doutorando em História na Universidade de Coimbra. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.**

**** Nota: Observou-se a ortografia brasileira.**

complexa entre identidade e temporalidade, posto que (por buscar a perenidade de aspectos ditos "essenciais" de um povo) a identidade cola-se à idéia de uma temporalidade mítica. Nesse sentido, às expensas de urna certa idéia de preservação da essência de um "ser" coletivo através do tempo, buscamos deslocar o problema da identidade nacional por intermédio da experiência estética presente na obra euclidiana

1. *Pressupostos euclidianos*

O livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, apresenta-se como um *mea culpa* republicano referente a maneira violenta na qual foi legitimada a República em 1889. De fato, de acordo com a compreensão de Gilberto Freyre⁽¹⁾, parece que os sertanejos de Canudos tiveram o papel de "inimigo interno" no processo de fortalecimento do novo regime instaurado no último quartel do século XIX.

Euclides da Cunha viveu intensamente todo esse processo. Suas palavras partilharam da opinião geral no início da guerra de Canudos, ajudando a condenar a população do sertão como "rebeldes renitentes" quando ainda residia no Rio de Janeiro. Representante da geração da "juventude republicana", formada na Escola Militar do Rio de Janeiro, o autor acreditava que a contenda localizada no interior do país se tratava do último degrau a escalar rumo ao progresso e à instauração da modernidade no país. Servindo-se do manancial teórico apreendido juntos aos pensadores contemporâneos de sua época, exercitou a aplicação dos conceitos evolucionistas raciológicos para organizar uma interpretação da Campanha de Canudos.

Euclides ecoa o sentimento geral da sociedade carioca que via a Campanha de Canudos como uma ameaça de fanáticos "tabaréus" que se insurgiam contra a mais recente conquista da nação, esperança de progresso rumo à civilização: a República. Nesse sentido, a aproximação com a experiência histórica francesa parece justificar-se: "como na Vendéia, o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do

p) Gilberto Freyre, *A Atualidade de Euclides da Cunha*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1943.

Império"(2). Esta aproximação com a revolta da Vendéia francesa alimenta o otimismo quanto ao sucesso dos soldados que saíam do Rio de Janeiro em direção a Canudos para conter a revolta. No mesmo sentido, ajuda a compreender, e a aceitar, inclusive, os reveses já sofridos pelas tropas republicanas em Pernambuco. Afinal, a República Francesa também teve dificuldade para vencer os monarquistas insurretos que representavam o último obstáculo à consolidação do novo regime. Como ocorreu com os franceses, a vitória era certa; era apenas uma questão de tempo.

Tratava-se, então, do último degrau a ascender para que o novo regime estivesse definitivamente consolidado. Acompanhado pelo morteiro Canet, que também viajava rumo à batalha, o militar Euclides da Cunha ainda compreendia a revolta dos canudenses enquanto fenômeno semelhante ao movimento anti-revolucionário francês ocorrido mais de um século antes. Havia coincidência histórica na parelha *sertanejo-chouan*. O futuro que aguardava um era o mesmo que o outro experimentara: a derrota frente a República. "Que a nossa Vendéia se embuce num largo manto tenebroso de nuvens, avultuando além como a sombra de uma emboscada entre os deslumbramentos do *grande dia tropical* que nos atenta. Rompê-lo-á, breve, a fulguração da metralha, de envolta num cintilar vivíssimo de espadas" (3).

A vitória nas longínquas paragens sertanejas representaria aos olhos euclidianos a chegada do *grande dia tropical*. Rumo ao amanhã almejado, acreditava-se que o futuro deveria ser conquistado em gloriosa vitória frente ao passado.

Devido a seus comentários da cena política carioca, Euclides da Cunha foi mandado ao sertão para reportar as notícias que chegavam a todo momento ao centro urbano do Brasil. Assim, o "enviado especial" do jornal *A Província de São Paulo* foi ao local da "luta da nacionalidade" brasileira para conhecer o "inimigo" da nação. É precisamente o processo de apreensão do sertanejo realizado pelo autor

(2) Euclides da Cunha, "A Nossa Vendéia", *A Província de São Paulo*, 14/03/1897, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 51.

(3) Euclides da Cunha, "A Nossa Vendéia", *A Província de São Paulo*, 14/03/1897, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 68.

que denota toda a complexidade da tentativa de aplicação do paradigma clássico da modernidade ao fenômeno da miscigenação brasileira⁽⁴⁾.

Euclides permaneceu o total de 24 dias em Salvador, antiga capital brasileira e ponto de passagem entre o Rio de Janeiro e Canudos. Nesse momento, redigia seu diário e as reportagens para o jornal coletando informações por intermédio das entrevistas que realizava com os que retornavam do combate ou a partir da análise que fazia das reações que a população de Salvador transparecia nas ruas mediante a chegada de feridos e prisioneiros. A partir da opinião de terceiros, Euclides da Cunha escreve as notícias sobre a Expedição de Canudos e as envia aos leitores paulistas e cariocas. Não obstante, o repórter divulga inclusive as causas do fracasso da Expedição Moreira César⁽⁵⁾. Ele analisa os erros técnicos cometidos nas operações militares realizadas no sertão. "Diante de inesperada e tenaz resistência" dos sertanejos, os soldados, que voltavam da batalha, acabaram deixando desguarnecida toda munição militar. Ressaltamos a surpresa frente à resistência do sertanejo e a delonga da luta, até esse momento compreendida por Euclides da Cunha como uma sucessão de falhas na aplicação da técnica de guerra aprendida na Escola Militar.

De acordo com os depoimentos coletados junto aos soldados feridos que chegavam a Salvador, de um "jagunço degolado não verte uma xícara de sangue", pois este "fanático não pesa mais que uma criança" ⁽⁶⁾. Seguindo a interpretação de Euclides da Cunha, podemos

(4) A viagem do Rio de Janeiro até o sertão foi bastante longa, demorou aproximadamente um mês: de 7 de agosto a 1º de setembro de 1897 (quando chega ao município de Queimadas). A maior parte desse período Euclides da Cunha permaneceu na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, por tratar-se do principal entreposto entre o "litoral" e o "interior" do país durante o período da Guerra de Canudos.

(5) A morte do coronel Moreira César, chefe da terceira expedição, no primeiro dia do ataque ao arraial provocou a debandada geral das tropas militares que abandonaram seu armamento em plena luta. O sertanejos, depois desse fato, defendiam-se com o mesmo tipo de armamento que as tropas do exército: as famosas espingardas Comblain e as Malincher.

(6) Bahia, 10 de agosto, Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 75.

perceber a seguinte imagem que a tinta do repórter grava nas páginas de seu diário ao dia 10 de agosto de 1897:

"Acredita-se quase numa inversão completa das leis fisiológicas para a compreensão de tais seres nos quais a força física é substituída por uma agilidade de simio, deslizando pelas caatingas como cobras, resvalando céleres, descendo pelas quebradas, como espectros, arrasando uma espingarda que pesa quase tanto quanto eles — magros, secos, fantásticos, com as peles bronzeadas coladas sobre os ossos — ásperas como peles de múmias" (?).

Para Euclides, o sertanejo é um selvagem, estreitamente vinculado à aspereza e à rusticidade da terra, bem como aos males da seca nordestina. O mito do sertanejo é construído como o traço de selvageria obstaculizadora do fortalecimento da civilização no trópico. Nesse momento de sua viagem ao interior, ainda se manifesta o olhar contundente e convicto da inferioridade racial do jagunço; peculiaridade que o aproxima de animais selvagens e repugnantes. É a porção negativa da gente brasileira, a fatia étnica que resta civilizar e domesticar. Trata-se ainda da postura assentada nas certezas trazidas da capital e legitimadas pela teoria evolucionista. Para alguém de estar inferiorizada na cadeia evolutiva do progresso das raças, a população sertaneja representaria a inversão mesma das leis consagradas pelas teorias científicas da época.

Entretanto, diante da ameaça do inesperado, do futuro incerto da Expedição a Canudos em função da surpreendente resistência da população sertaneja, Euclides da Cunha inicia a definição do aspecto simbólico e ritualístico que o encontro de soldados dos mais variados cantos da nação significa. Na antiga capital do Império, Salvador, um ritual é vivido e um mito acerca da nacionalidade brasileira é formulado, narrado. Afinal, para lá confluíu a nação outrora dispersa.

"Há dias era o batalhão paulista que aqui saltava, definindo uma ressurreição histórica — a aparição triunfal dos *bandeirantes* renovando as investidas ousadas no sertão; depois os batalhões do Sul, netos e filhos de *farrapos*, trocando aqueles pampas vastíssimos, alte-

(?) Bahia, 10 de agosto, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, pp. 75-76.

rados, apenas num ou noutro ponto, pelas colinas levemente arredondadas, por um país diverso em que os horizontes se abreviam dentro de vales estreitos e as montanhas aprumadas paralisam as marchas; agora, do extremo Norte, da Amazônia, tostados pelos raios verticais dos sóis do equador, são os filhos do Pará que aqui chegam" (8).

Quando Euclides formula esse mito de união nacional motivado pela revolta de Canudos, intenta controlar a flecha do tempo — ou seja, o futuro — por meio de uma narrativa. A palavra controla a vivência da temporalidade porque seleciona e organiza símbolos para expressá-los dentro de uma ótica determinada. Nesse sentido, então, a linguagem das reportagens de Euclides da Cunha foi o veículo de uma compreensão acerca de um coletivo populacional, o nacional, forjando uma estrutura de tempo controlado.

Nada melhor do que o solo da antiga capital, Salvador, para ser o espaço onde a nação ultrapassaria seus próprios limites de falta de integração e desunião cívica. Afinal, as tropas do exército no combate a Canudos foram compostas por soldados oriundos de todas as regiões do país. Euclides entoava brilhantemente essa função de profetia temporal que o rito nacionalista empreende. Diz ele que

"Vêm, sucessivamente, promanando de todos os pontos da nossa terra, convergindo todos para o seio da antiga metrópole, reunindo-se precisamente no solo onde pela primeira vez aparecemos na história - o paulista empreendedor e altivo, o riograndense impetuoso e bravo e o filho do Norte robusto e resistente. E a antiga capital abre-lhes o seio, agasalha-os no recinto sagrado de seus baluartes, despertando transfigurada da quietude anterior, como que envolvendo no mesmo afago carinhoso e ardente, a numerosa prole há séculos erradia, esparsa"(9).

É bastante importante lembrar que, desde os primeiros anos da ocupação portuguesa, ainda no século XVI, a preocupação com a preservação da integração e da unidade do território foi uma constante, nessa época ameaçada pela ocupação do litoral pelos holan-

(8) Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 87.

(9) Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 75.

deses e franceses, principalmente. Após o processo de independência das colônias espanholas na América Latina, já nos meados do século XIX, essa obsessão pela união e integração nacional foi ainda mais exacerbada. Temia-se, no processo de Independência do Brasil, que houvesse a mesma fragmentação política e territorial observada nas "ex-colônias" espanholas. Por sua vez, as opiniões de Euclides da Cunha a esse respeito reflectem essa mesma questão à época da mudança do regime, ou seja, ao momento da Proclamação da República, em 1889.

Na compreensão euclidiana, todos os tipos étnicos brasileiros, formados justamente pelo isolamento e pelas características diferentes de sua região, retornaram ao seu ponto nacional comum, quase ponto médio, para unirem-se, de uma vez por todas, com o intuito de derrotar um fenômeno entendido como óbice a evolução do nação. A desunião teria impedido a evolução. No entanto, a revolta dos sertanejos é compreendida justamente como a unificação mesma dessa desunião. Assim, todo o país restante se aglutinaria ritualisticamente para ultrapassar o mal que permearia a todos. A nação, como um todo, acusava e expiava em um único fenômeno social a característica colectiva que a permeou. Por meio da guerra, e do seu ritual, o "Eu colectivo" tentava se auto-determinar servindo-se das linhas fortes do repórter. Doravante, pensava-se, o país caminhará junto, unido e forte. "Índoles diversas, homens nascidos em climas distintos por muitos graus de latitude, contrastando nos hábitos e tendências étnicas, variando nas aparências: frentes de todas as cores — do mes-tiço trigueiro ao caboclo acobreado e ao branco — aqui chegam e se unificam sob o influxo de uma aspiração única"⁽¹⁰⁾.

Isto significa um entendimento de que a diversidade desagrega o colectivo e impossibilita sua força por meio da desunião. O que torna compreensível o ponto de vista segundo o qual a movimentação logística das tropas do exército, e a consequente união dos diversos rostos brasileiros motivados e movidos pela força do ideal abstracto da República, implicariam a superação dos males do passado da nação: fundamentalmente, a desunião racial.

E possível sustentar que, neste ponto, o autor de *Os Sertões* empreende como que uma tentativa de tomar novamente as rédeas do

⁽¹⁰⁾ Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 88.

tempo. A esse respeito, Jean-François Lyotard nos ensina que "desde suas origens, a humanidade criou um meio específico e próprio de controlar o tempo, a narração mítica. O mito permite, de fato, colocar uma seqüência de acontecimentos num quadro constante onde o início e o fim de uma história formam uma espécie de ritmo ou de rima'¹¹). Poder-se-ia objetar nosso argumento apontando que a narrativa euclidiana, justamente por enquadrar no espectro da modernidade, não se enquadraria na estrutura de tempo cíclica que configura o mito. No entanto, afirmamos que as narrativas evolucionistas da modernidade não se opõem à narrativa mítica. Ao contrário, elas a contêm. O que diferencia a narrativa mítica do projecto moderno é que aquela define-se em função do passado; a modernidade orienta-se pelo futuro. Ambas "conservam, no entanto, o princípio do mito segundo o qual o desenvolvimento geral da história pode ser concebido'¹²). Assim podemos compreender as linhas escritas por Euclides quando afirma que a reunião militar dos vários tipos brasileiros em função de um inimigo comum, "parece um refluxo prodigioso da nossa história. Depois de longamente afastados, todos os elementos da nossa nacionalidade volvem bruscamente ao ponto de irradiaram, tendendo irresistivelmente para um entrelaçamento belíssimo" (¹³).

Pelo trecho exposto fica nítido que o controle dos fatos, ou melhor, do tempo, voltou novamente a estar sob a égide do racional. Essa é, também, a função do mito: organizar os acontecimentos na medida em que a seqüência temporal elaborada permite sua efetiva compreensão. No caso euclidiano, especificamente, o objetivo do mito nacional já prefigurado é formar uma espécie de cimento social que, por ser firme, move e demove diferentes gentes numa única e mesma direção. Assim, na ponta da pena, tendo o tempo as asas cortadas, é o destino da nação que se intenta controlar. Valendo-se do mito, a nação se auto-compreende.

O preconceito raciológico da sociedade do litoral brasileiro era quase que integralmente consubstanciado pelo manancial teórico da

(¹¹) Jean-François Lyotard, *O Inumano: considerações sobre o tempo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989, p. 74.

(¹²) Jean-François Lyotard, *oh. cit.*, p. 75.

(¹³) Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 88.

época. A explicação étnica operada por Euclides em *Os Sertões já* começava a ser delineada em seu *Diário*¹⁴). Nesse sentido, o sertanejo (jagunço) aparece interpretado de acordo com os preceitos da matriz teórica que liga o meio geográfico à raça, assim como à nação e à identidade coletiva do Brasil, num futuro almejado pelos pressupostos de integração e unificação étnica.

"Porque - consideremos o fato sob seu aspecto real - o que se está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: - é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espelhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos Jagunços "(¹⁵).

Vemos a dramaticidade que o repórter-autor conferia à Campanha. Tratava-se de uma limpeza moral e étnica. A assepsia de um passado entendido como arcaico e velho; um passado a ser exorcizado pela vitória que simbolizaria a entrada triunfante na História, na Civilização; um passo rumo ao progresso. Em um amanhã projetado, as distâncias entre Sul e Norte diminuir-se-iam. "E por coincidência notável é dentro da antigas metrópole que ele se realiza; aqui se aliam

(¹⁴) No *Diário* estão inseridas as anotações, além do dia 07 de agosto, as dos dias 10,12,13,15, 16, 18, 19, 20, 21 e 23 de Agosto enquanto o autor estava em Salvador, na Bahia; a anotação do dia 31 de agosto enquanto estava no município de Alagoinhas; as dos dias 1^ª a 4 de setembro em Queimadas; do dia 4 de setembro em Tanquinho e 5 em Cansação; a anotação também do dia 5 de setembro em Quiriquinquá, as do dia 6 ao dia 11 de setembro em Monte Santo e de 24 de setembro a 1- de outubro em Canudos. Trata-se, portanto, da descrição das impressões de um viajante, repórter interessado e dedicado à pesquisa, rumo ao interior do Brasil. Não por acaso, é exatamente esta a impressão perpassada pelas primeiras linhas do primeiro capítulo de *Os Sertões*, chamado "A Terra".

(¹⁵) Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 91. Interessante é perceber que a "cidade de taipa", neste momento descrita por Euclides como capital de um Brasil atrasado, será descrita como a "Tróia de Taipa", tempos depois, na escritura de *Os Sertões*.

hoje compatriotas que chegam dos mais afastados pontos. [...] e ao voltarem amanhã, uma aliança moral mais firme dirimirá talvez a distância entre o Sul e o Norte, tornará com certeza mais harmônicos os variados fatores da nossa nacionalidade"⁽¹⁶⁾.

Assim, podemos pensar que a imagem negativa do mestiço vem de seu não enquadramento no paradigma da união ética e da coesão nacional. Por seu turno, a imagem negativa do sertanejo advém pela sua miscigenação incontestada, mas também porque foi determinado como inimigo da nação, por representar a própria multifacialidade brasileira.

No entanto, passados alguns dias e após mais notícias sobre a resistência que as "populações arcaicas" do sertão imprimiam frente às investidas do exército, Euclides da Cunha vai gradualmente flexibilizando suas convicções. A chegada de mais e mais levadas de mortos e feridos foram abalando a apoteose pintada pelo repórter no que concernia à inferioridade racial da população do interior contra-posta à superioridade do litoral. Conforme o tempo passava, enfadado pela demora do término da contenda, o autor ia transfigurando o espanto e diminuindo o poder de suas ácidas linhas condenatorias do sertanejo. Pelo jornal, Euclides confessava que tinha se deixado levar pelo otimismo exagerado da vitória fácil sobre Canudos. De fato, pelas notícias que chegavam à capital baiana nada podia autorizar as opiniões que acreditavam breve o término da guerra. O autor inaugura uma progressiva crítica às próprias fontes de reportagem.

"Há quinze dias que se aguarda a todos os minutos a rendição do arraial, já ocupado, em toda parte, pelas nossas forças e tendo apenas duzentos inimigos combatidos pelas fadigas e pela fome, cindidos pela discórdia e desalentados a ponto de irem para a batalha - a pau...

E se considerarmos que eles sabem dos esforços que seguem e dos que hoje, neste momento, devem estar chegando a Canudos, para completar o cerco, trancando-lhe definitivamente a única estrada livre - e da qual não se aproveitam, em tempo, fugindo à morte inevitável - somos irresistivelmente levados a considerar a campanha, em vez de próxima ao seu termo, sob a sua feição primitiva, incompreensível, misteriosa"⁽¹⁷⁾.

⁽¹⁶⁾ Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, pp. 91-92.

⁽¹⁷⁾ Bahia, 16 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, pp. 95-96.

O intelectual buscava elementos em seu vasto leque de conhecimentos para tentar compreender as atitudes tomadas pelos combatentes do sertão. Como não os encontrava, partia para a formulação de conjecturas. Pensava que talvez o grupo liderado por Conselheiro, um dos mais marcantes sertanejos, fosse abastecido por outro grupo maior e mais poderoso de revoltosos ou que, talvez, Canudos se tratasse de um despiste para que, em algum ponto mais longínquo do país, outro refúgio fosse construído para os monarquistas. A procura de um porto seguro, a mente de Euclides da Cunha se desprendia à imaginação.

"Estas interrogativas avultam em meu espírito desde o dia em que procurando tirar uma média das opiniões que aqui circulam não o consegui e compreendi que grande parte dos que voltam daquelas paragens, desconhecem a situação tanto quanto os que lá não foram.

Procurar-se a verdade neste torvelinho é impor-se a tarefa estéril e fatigante de Sisifo.

O espírito mais robusto e disciplinado esgota-se em conjecturas vãs; nada deduz - oscila indefinidamente, intermitentemente, num agitar inútil de dúvidas, entre conclusões opostas, do desânimo completo à esperança mais alta"⁽¹⁸⁾.

Trata-se da procura de enquadramento, da fuga das certezas e da inexplicabilidade sentida pelo autor de *Os Sertões*. Tal como Sisifo, Euclides da Cunha empurrava morro acima a pesada rocha das certezas e dos juízos de valor, os quais tentava aplicar à situação que presenciava. No entanto, a cada vagão repleto de feridos do exército ou a cada notícia do prolongamento da contenda, as certezas, como a rocha de Sisifo, desabavam novamente ao ponto inicial. De volta à prancheta, matematicamente, Euclides pintava imagens e esquadrihava pareceres, em vão. Nesse período, ainda em Salvador ao dia 16 de agosto de 1897, dizia ele que "não há conjecturas que não se justifiquem, por mais ousadas que sejam". Não vendo aplicabilidade dos conhecimentos de que dispunha, o intelectual positivista sentia o desespero epistemológico de quem procura a chave da resposta às suas indagações e não a encontra. "Realmente, quem quer que no momento atual, subordinado a uma lei rudimentar de filosofia, pro-

(18) Bahia, 16 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. dt.*, p. 98.

cure, neste meio, calcar as concepções subjetivas sobre os materiais objetivos, não as terá seguras e animadoras quando estes são tão incoerentes e desconexos" (19).

O viés clássico da ideologia moderna concebe, desde suas origens européias, uma relação bastante peculiar entre a teoria e a "realidade". Para os pensadores modernos não existe fato que não se pode explicar e compreender dentro do sistema de pensamento vigente. Tudo o que escapa à lógica binária cartesiana efetivamente não é objeto para o pensamento. Assim, construiu-se o saber moderno, em exacerbada oposição ao aspecto não regular dos fenômenos. Afinal, ensina-nos o método matemático cartesiano que devemos observar os fenômenos e, diante do seu comportamento, selecionar as características regulares que se repetem, excluindo as demais por não se tratarem de elementos "essenciais". O "objeto" só pode existir, nesta perspectiva moderna, na medida em que serve previamente à seleção e à depuração cognitiva por parte do pesquisador. O problema está justamente quando o pesquisador não consegue eleger regularidades, posto que tudo o que observa se apresenta "desconexo". Nenhum modelo, por mais rígido que seja, consegue enquadrar o humano como seu objeto absoluto. Parece ter sido essa a situação vivida pelo autor, pese embora toda a força de sua formação na filosofia positivista ensinada por Benjamim Constant na Escola Militar(20). O exotismo do contato com o inesperado pode gerar duas posições: a que condena o diferente e a que o enaltece. Euclides da Cunha parece refém desta dicotomia: permanecerá em dúvida.

(19) Bahia, 15 de agosto, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 100.

(20) Fundada em 1810, por D. Rodrigo de Sousa e Coutinho, a Real Academia Militar do Brasil insere-se no conjunto de transformações ocorridas na colônia com a transferência da Família Real em 1808. Mesmo com algumas resistências à sua organização na época, a escola ganhou corpo com uma visível influência iluminista com a inclusão das ciências exatas e naturais nos currículos. A escola estruturava-se em quatro armas: engenharia militar, artilharia, cavalaria e infantaria, apresentando, desde a sua fundação, uma forte influência do pensamento francês. Para maiores informações a respeito da influência da Escola militar na formação de Euclides da Cunha, consultar Walnice Nogueira Galvão (Org.). *Euclides da Cunha*, São Paulo, Ática, Col. Grandes cientistas sociais n.º 45, 1984, pp. 7-37.

Movido por um misto de fascínio curioso e temor acusatório, Euclides parte em busca do sertão inóspito, palco da "luta da nacionalidade brasileira". A experiência por ele vivenciada no palco da guerra, bem como a força do contacto *in loco* com o sertanejo, será dramatizada pelo autor como busca do conhecimento e fonte de um mito acerca da identidade nacional brasileira.

2. A incoiyoração da diferença

O intelectual-viajante escreve em seu diário, a 31 de agosto de 1897, que "a viagem correu rápida num trem ruidoso e festivo, velozmente arrebatado por uma locomotiva possante, e ao traçar estas notas rápidas do *Diário* não tenho sobre o dólmã uma partícula de pó"⁽²¹⁾. Quando chega a Alagoinhas, primeira parada da viagem, encontra na cidade ruas e praças extensas e afirma que é talvez a melhor cidade do interior da Bahia. Quando chega a Queimadas, o viajante diz que este município é "pequeno e atrasado, vivendo em função da estação da estrada de ferro, este arraial obscuro — último elo que nos liga hoje, às terras civilizadas". Euclides da Cunha compreende-se como estando no ponto limítrofe entre dois países diversos, na fronteira entre barbárie e civilização. Mas esta "fronteira" já proporciona ao autor maiores conhecimentos a respeito da natureza do sertão e do sertanejo. Afinal, ele nunca tinha conhecido nem a região e sua flora, nem tampouco seus habitantes e seus costumes, apesar das inúmeras linhas que já escrevera tanto sobre a "terra" quanto sobre o "homem" daquelas paragens.

Num passeio matutino a cavalo, pelas estradas nos arredores do município de Queimadas, Euclides pôde, pela primeira vez, entrar em contacto com a caatinga, "satisfazendo uma curiosidade ardente, longamente alimentada". "Um quadro absolutamente novo; uma flora inteiramente estranha e impressionadora capaz de assombrar ao mais experimentado dos botânicos". Em êxtase, demonstra ele, nas linhas

(21) Alagoinhas, 31 de agosto, in Euclides da Cunha, *Diário de uma expedição*, São Paulo, Cia das Letras, 2000, p. 127.

que seguem, toda a surpresa que esse contato com a natureza tipicamente agreste proporcionava a seus olhos:

"Perdi-me logo, perdi-me desastrosamente no meio da multiplicidade das espécies e atravessando, supliciado como Tântalo, o dédalo das veredas estreitas, ignorante e deslumbrado - nunca lamentei tanto a ausência de uma educação prática e sólida e *mmca* reconheci tanto a inutilidade das maravilhas teóricas com as quais nos iludimos nos tempos acadêmicos"(²²).

Notamos quanto a força da experiência pessoal fragiliza as outrora inquestionáveis "maravilhas teóricas". A formação acadêmica tão respeitada da Escola Militar transfigura-se em ilusão diante de sua extrema inaplicabilidade a esta nova "realidade" vivenciada pelo autor. "E o que se sente observando esta multidão de árvores pequenas, diferenciadas em galhos retorcidos e quase secos, desordenadamente lançados a todas as direções, cruzando-se, trançados, num acervo de ramos quase desnudados — é como um *bracejar de desespero*, a pressão de uma tortura imensa e inexorável"(²³).

A partir desse momento, inicia-se efectivamente o processo de apreensão do sertão por parte de Euclides. Fisicamente o autor *sente*, mais do que pensa, a sociedade e a natureza sertaneja, falando por isso de "uma flora agressiva". No entanto, se a natureza é "agressiva para os que a desconhecem — ela é providencial para o sertanejo".

"Além disto o homem do sertão tem, como é de prever, uma capacidade de resistência prodigiosa e uma organização potente que impressiona. Não o vi ainda exausto pela luta, conheço-o já, porém, agora, em plena exuberância da vida. Dificilmente se encontra um espécime igual de robustez soberana e energia indômita.

Pela janela entreaberta vejo neste momento um deles, a cavalo, no meio da praça, todo vestido de couro. E um vaqueiro inofensivo, pende-lhe à mão direita a longa vara arpoada, o *ferrão*. Acaba de conduzir para Monte Santo cento e tantos bois destinados ao exército. E um nosso aliado. Imóvel sobre a sela, todo vestido de couro,

(²²) Queimadas, 1^ª de setembro de 1897, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 134. O grifo é nosso.

(²³) Queimadas, 1^a de setembro de 1897, in Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 135.

calçando botas que sobem até a cintura, chapéu de abas largas meio inclinado sobre a frente — a véstia rústica de um vermelho escuro imprime-lhe o aspecto de um cavaleiro antigo coberto ainda da poeira da batalha”(²⁴).

Após essas considerações, observamos a incorporação do sertanejo no discurso do autor. Ele agora é entendido como raiz étnica e identitária do país e não mais como um caso de atavismo histórico, óbice à evolução do Brasil enquanto nação desenvolvida. Nesse sentido se pondera que "a nossa vitória, amanhã, não deve ter exclusivamente um caráter destruidor. Depois de nossa vitória, inevitável e próxima, resta-nos o dever de incorporar à civilização estes rudes patricios que — digamos com segurança — *constituem o cerne de nossa nacionalidade*" (²⁵).

Impressiona a mudança operada nos olhos positivistas e evolucionistas de Euclides da Cunha. Como podemos compreender essa transfiguração simbólica do sertanejo? Afinal, passou de vilão, de ameaça à República, caracterizado à imagem dos animais, tal como selvagens desgarrados dos rumos da civilização, para "cerne de nossa nacionalidade". Parece que o tempo decorrido e a aproximação geográfica do autor modificaram a forma como ele compreendia as populações do litoral.

Conforme chegavam mais informações ao seu conhecimento, o autor sentia fragilizar suas convicções, positivistas, científicas e evolucionistas. Na medida em que foi se aproximando da região nordestina, de Monte Santo, da caatinga e do sertanejo, começava a incorporar em suas declarações aos jornais do centro do país também o ponto de vista sertanejo. Da condenação fechada de acordo com as teses evolucionistas, sua compreensão migra para uma certa admiração para com os jagunços, tão irracionalmente harmoniosos com a natureza adusta que os cerca e determina.

O autor foi, pouco a pouco, impregnando-se do sentido da luta. Na medida em que presenciava-se *no* conflito, que conhecia e

(²⁴) **Queimadas, 1- de setembro de 1897, in Euclides da Cunha, ob. cit., pp. 139-140.**

(²⁵) **Queimadas, 1^u de setembro de 1897, in Euclides da Cunha, ob. cit., p. 140. O grifo é nosso.**

reconhecia traços de semelhança e de pertença entre os dois pólos em guerra, Euclides da Cunha foi gradualmente relativizando essa polarização e, conseqüentemente, tentando escapar à dualidade essencial entre "evolução" e "atraso". O autor de *Os Sertões* foi aceitando que o conflito não se tratava de uma guerra entre a total "barbárie" contra a "civilização" e o "progresso", na medida em que observa traços de semelhança entre "bárbaros" e "civilizados". Esse processo parece ter sido tão importante que, de selvagens, os sertanejos passam a ser entendidos como "cerne de nossa nacionalidade". Como isso é possível? Trata-se de incongruência autoral e contradição intelectual, essa mudança de opinião operada em Euclides da Cunha?

É importante mencionar que a perspectiva intelectual que interpreta as idéias e os autores como se possuíssem uma "quintessência" induz em demasiado engano, pois filia-se ao paradigma do individualismo artificial moderno, o qual compreende o homem de maneira que apareça achatado por qualquer tipo de dualismo, seja razão e emoção ou outro maniqueísmo da mesma espécie. Quando o fato é que, em qualquer tipo de produção individual e sobretudo no caso das idéias e de textos, o "autor" recebe influências e condicionamentos sociais de todos os lados, desde a língua em que escreve (que aprendeu culturalmente) até outros textos e pessoas que dialogam por intermédio de suas palavras⁽²⁶⁾. Cabe ainda frisar que, na perspectiva adotada, o processo histórico seja coletivo ou individual é entendido como profundamente marcado tanto por semelhanças, como por diferenças, tanto por permanências como por modificações. O problema está na colocação da questão: *o que é mais importante?*

Henri Bergson ajuda-nos a compreender a importância da distância, ou do deslocamento espacial, no processo de conhecimento. Diz ele que "à medida em que meu horizonte se alarga, as imagens que me cercam parecem desenhar-se sobre um fundo mais uniforme e tornar-se indiferentes para mim. Quanto mais contraio esse horizonte, tanto mais objetos que ele circunscreve se escalonam distintamente de

(26) **Sobre o artificialismo presente no individualismo cartesiano, consultar Louis Dumont, *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Petrópolis, Rocco, 1993. Sobre a solidão individualista do intelectual moderno, ver Norbert Elias, *A Sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.**

acordo com a maior ou menor facilidade de meu corpo para tocá-los e movê-los. Eles devolvem portanto para meu corpo, como faria um espelho, sua influência eventual; ordenam-se conforme os poderes crescentes ou decrescentes de meu corpo" (27). Este ponto de vista tem para nós o maior interesse, na medida em que propicia compreender que o movimento antropológico — que parte da sociedade do "eu" dedicando-se a compreender o ponto de vista do "outro" para, em seguida, relativizar a própria apreensão do "eu" — se manifesta de forma gnosiológica quase que inconsciente no caso do autor de *Os Sertões*. Em função da distância percorrida, Euclides da Cunha separa o Brasil em duas partes: o interior e o litoral. As imagens do sertanejo construídas ainda no Rio de Janeiro, antes da viagem, acabaram não resistindo à força da experiência antropológica sentida pelo jornalista imbuído do ideário positivista.

Assim, parece bastante explícito o processo de incorporação do sertanejo no discurso acerca da nacionalidade e da identidade brasileira. Notamos, também, que a interpretação de nossa nacionalidade segundo as teorias evolucionistas e raciológicas não se deu de maneira incólume. Tampouco acreditamos que o autor de *Os Sertões* incorreu em escabrosa contradição. A partir da leitura do *Diário de Campo* e das reportagens podemos relativizar o juízo geralmente empregado pela crítica fácil — seja ela literária, sociológica ou histórica — que agrupa livros e autores de acordo com determinados princípios organizados *ad hoc*. Noções que de forma alguma eram as preocupações vivenciadas na época da escrita do texto em questão. O que queremos demonstrar é o *drama teórico* vivificado pela interpretação da identidade nacional brasileira a partir da experiência euclidiana. Esse *drama teórico* é extremamente patente nas linhas da obra magna de Euclides da Cunha, drama que fica obnubilado no paradigma das "idéias fora do lugar" (28).

Podemos afirmar que Euclides da Cunha se enquadra no espectro do pensamento evolucionista e raciológico. No entanto, cabe * 34

(27) **Henri Bergson**, *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 15.

(28) Referimos ao livro de **Roberto Schwartz**, *As vencedoras batatas: forma literária e processo social no romance brasileiro*, São Paulo, Duas Cidades, Editora 34, 2000.

ressaltar que existem algumas diferenças de aplicação entre o evolucionismo europeu e o tropical ou brasileiro. Primeiramente, como foi mencionado, a crença na evolução racial, no progresso, advém da noção de tempo linear. Não obstante, se essa concepção se coadunava com a idéia de unidade racial — pois a própria evolução da humanidade pressupunha um maior aprimoramento étnico — e provocava um sentimento otimista nos intelectuais europeus, já em um país cuja população era predominantemente mestiça e ainda estava em meio a um intenso processo de imigração, o sentimento que provocava a teoria evolucionista era justamente o oposto: um fatalismo. Em nosso entendimento, o pensamento de Euclides da Cunha representa exatamente "o interesse em concretizar o embaraço que o evolucionismo criava" para seus adeptos nos trópicos⁽²⁹⁾.

No entanto, não podemos afirmar que o pensamento de Euclides da Cunha era fatalista, nem tampouco dizer que era exclusivamente positivo frente à evolução da nação brasileira. Nesse ponto específico resta a fértil complexidade da posição que o autor ocupa no pensamento brasileiro do período de passagem do século XIX para o XX. Concordamos, assim, com Gilberto Freyre quando afirma que, em Euclides, o evolucionismo não se fixou completamente. E concordamos, também, com José Guilherme Merquior quando afirma que a palavra de "Euclides é escultural — mas escultural à Rodin". Lembre-se de que uma das grandes especificidades do trabalho de Auguste Rodin, ao esculpir estátuas em bronze, foi o fato de ele fixar a imagem da velocidade do tempo no corpo humano. Assim, em Euclides da Cunha miscigenam-se fatalismo raciológico-evolucionista e otimismo para com a "evolução" da nação brasileira⁽³⁰⁾.

(29) Luís Costa Lima, *Terra Ignota: a construção de Os Sertões*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997, p. 27.

(30) É importante ressaltar que, de acordo com Franklin Baumer, foi justamente o conceito de tempo evolucionário — ou seja, que é indeterminado e que não pode ser predito — um dos elementos responsáveis por uma gradual flexibilização das "certezas" científicas construídas no século XIX. Consideramos que Euclides da Cunha representa uma posição de difícil enquadramento científico porque está situado no ténue e difícil ponto de interconexão entre a ciência do século XIX e a do XX, já profundamente marcada pela experiência das duas grandes Guerras Mundiais.

Fica claro, ao compararmos seu posicionamento quanto ao sertanejo e quanto à população do litoral brasileiro, que se operou no autor um movimento de inversão e relativização antropológica, tal como explicitado por Roberto da Matta. Realiza-se, então, o que o antropólogo chama de "transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico" (31). Sendo claro, porém, que esse movimento não se completa por inteiro, nem se realiza como no processo etnográfico tradicional. E certo que, no *Diário*, presenciamos as manifestações cognoscíveis instigadas pelo processo de "descoberta" da sociedade de um "outro" (localizado no interior) e da decorrente relativização dos valores da sociedade do "eu" (do litoral). No entanto, prenunciando uma característica da antropologia das sociedades modernas, este "outro" está dentro da sociedade do "eu", fator que complica muito o entendimento desse processo. O *drama teórico* do autor é acentuado devido à busca incessante de caracteres que pudessem embasar e dar suporte à noção unívoca e coesa de identidade nacional.

A paleta de teorias que estavam à disposição do intelectual preocupado com os destinos da República perante tal batalha no interior — mas também sensibilizado pela descoberta de que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte" — acabava deixando Euclides da Cunha num impasse de difícil solução não só para a época e pelas teorias de que dispunha. O problema maior enfrentado pelo autor vem do conceito de identidade, da idéia de essência que o fundamenta. Como determinar a identidade nacional brasileira a partir de um pressuposto essencialista num país de tão grandes proporções geográficas perpassado até o último grau por uma diversificada e difusa miscigenação? O pensamento do século XIX, raciológico e evolucionista, aplicado ao trópico, ficava preso a essa tensão bipartite.

Do nosso ponto de vista analítico, lidar com essa tensão passará talvez, hoje, por uma utilização preferencial do conceito de "identificação" ao invés do conceito de "identidade". O primeiro possui maior flexibilidade e não se fixa no paradigma da essência individual racional no qual o último conceito (de identidade) se fundamenta até o mais alto grau. Conforme a explicação de Stuart Hall, o conceito de

(31) **Roberto da Matta**, *Relativizando: uma introdução à antropologia social* Rio de Janeiro, Rocco, 1987.

identificação é mais "um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre "demasiado" ou "muito pouco" — uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade"⁽³²⁾. Em todo o caso, e em última análise, é a própria idéia ontológica ligada à identidade nacional que perpassa esse desconforto epistemológico. Afinal, como nos explica Pintor-Ramos, "la história de la ontología aparece, así, como una historia de unificación, de reducción activa de todas las diferencias a lo idéntico dentro de una totalidad neutral que es la gesta del ser"⁽³³⁾. Isto é, a totalização ontológica, fundamentada no paradigma da essência, implica em descabida violência porque renega, a margens insignificantes, o diferente e coloca, no centro, triunfante, o sujeito moderno. Trata-se da auto-determinação gnosiologia do "eu" que acaba esmagando o diferente justamente pela ameaça que sua existencia representa frente à fragilidade de sua legitimação.

O *drama* de Euclides da Cunha, como de resto, ainda bem para lá dele, o da intelectualidade brasileira preocupada com a problemática da identidade nacional, é justamente o impasse de determinar *quem é* esse sujeito brasileiro, qual sua identidade. Mas o problema está mal colocado. Afinal, de acordo com essa mesma lógica, Euclides só podia estar diante de um "nada" ontológico em busca do "ser" do brasileiro. Quando o que sucede é que, precisamente ao contrário, se torna patente que o "nada" representa algo, o "nada" também "é". Em última instância, portanto, o pensamento de Euclides da Cunha consegue empreender, em parte, uma significativa abertura ontológica em função da forte experiência vivida na guerra de Canudos. Tal como o pensamento sartreano — que possui grande potencial elucidativo da agonia da razão na Europa do pós-guerra —, fica indeciso e incompleto, misto por assim dizer, entre um "ser que já não é mais" e um "nada que ainda não é por completo".

⁽³²⁾ Stuart Hall, "Quem precisa de identidade?", in Tomáz Tadeu da Silva (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, Petrópolis, Vozes, 2000, p. 106.

⁽³³⁾ Antonio Pintor-Ramos, "Prefácio", in Emmanuel Levinas, *De otro modo que ser, o mas allá de la esencia*, Salamanca, Ediciones Sigueme, 1988, p. 24.

Feitas estas considerações, partamos rumo a uma abordagem de alguns aspectos relativos à nacionalidade brasileira tal como se depreendem do principal livro de Euclides da Cunha.

3. A introjeção da cidpa

Maior fenômeno literário brasileiro do início do século XX, o livro *Os Sertões*, publicado em 1902, impõe-se como obra fundamental no contexto da discussão sobre a identidade nacional brasileira. De certa maneira, podemos dizer que Euclides da Cunha representa o ponto intermediário na tradição do pensamento brasileiro entre século XIX e XX⁽³⁴⁾.

Euclides permanece no sertão nordestino de agosto a outubro de 1897. De volta, pôs-se a escrever o livro *Os Sertões* na fazenda do pai, em Descalvado, e, depois, em São José do Rio Pardo, no período 1898-1901, enquanto participava da construção de uma ponte na cidade. O livro sai em novembro de 1902, alcançando repercussão nacional⁽³⁵⁾. Logo após a publicação do livro, Euclides da Cunha é aclamado, em 1903, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e eleito para Academia Brasileira de Letras⁽³⁶⁾.

De que forma o autor de *Os Sertões* interpretava, então, essa luta entre os representantes de um estágio "superior" de civilização contra

(34) A própria denominação do estilo literário adotado, observado pela crítica como pré-modernista o posicionaria num meio caminho entre José Bonifácio ou Aluísio de Azevedo e Mário e Oswald de Andrade, assim como os demais modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922 em São Paulo.

(35) Segundo cálculos de Lima, a 1- edição teve 6 mil exemplares. O mesmo autor afirma que ela precisou somente de dois meses para esgotar-se, e que a segunda edição em seis meses já estava circulando. Ver Luiz Costa Lima, *Terra ignota: a construção de Os sertões*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

(36) Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1982, p. 347.

um povo que é "um caso de atavismo na História", mas que, entretanto, vive em harmonia com o meio que o cerca? Sobre a sorte do exército, na refrega ocorrida em pleno sertão, o autor afirma que

"A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerte com sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta excicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, reflui à garganta, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo" (37).

Nesse trecho fica claro que sua compreensão de que não era propriamente contra o sertanejo que se descerrava o combate. O que dificultava a ação do exército era a força da natureza, exótica, desconhecida e que agredia o tipo humano que não se adaptava ao solo seco e árido da região. Ademais, para Euclides, era a natureza, que se manifestava "por contrastes", que alimentava o jagunço, nutrindo-o de força e destemor. Isto é, as relações de força eram também condicionadas pelo meio nas quais se manifestavam. Por isso, dizia que "o exército sente na própria força a própria fraqueza" (38).

Depois de descrever e relatar as várias batalhas travadas entre o exército e os sertanejos — essa é a tônica da parte da obra chamada "A Luta" —, Euclides da Cunha demonstra que os métodos tradicionais de batalha não surtiam o efeito desejado naquela região. A linha reta e o pensamento matemático rendiam-se às "imperfeições" observadas na forma de combate utilizada pelos jagunços para defender Canudos. Nesse sentido, depois de acumular inúmeras baixas, "era urgente ampliar o plano primitivo do ataque, lançando no conflito novos lutadores". E qual estratégia foi primordial para a vitória do exército? Agora, "lançava-se o jagunço contra o

(37) **Euclides da Cunha**, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 262.

(38) *Idem, ibidem.*

jagunço"⁽³⁹⁾. Desse modo escreve o autor essa peculiar empreitada militar:

"O batalhão de sertanejos avançou. Não foi a investida militar, cadente, derivando a marche-marche, num ritmo seguro. Viu-se um como serpear rapidíssimo de baionetas ondulantes, desdobradas, de chofre, numa deflagração luminosa, trançando em segundos uma listra de lampejos desde o leito do rio até aos muros da igreja..."⁽⁴⁰⁾.

Só com o mesmo tipo de homem, adaptado à terra, pôde-se vencer o inimigo. Marca-se, claramente, o mito da terra na determinação do homem e a inversão antropológica proposta por Euclides da Cunha condicionando os destinos da nacionalidade. Assim, apesar da falta de atributos civilizatórios significar um "caso de atavismo", a aplicação desses elementos do "progresso" — nomeadamente as táticas racionais de combate, os estratagemas de guerra elaboradas de acordo com o pensamento e a lógica matemática — não surtiram o desejado efeito. Ao contrário, a luta só foi vencida, paradoxalmente, através da "derrota" dos métodos civilizatórios, por intermédio da adoção das táticas de menor calibre, ou seja, do "método" sertanejo de luta. A conclusão do exército, e de Euclides da Cunha, após um número exacerbado de mortos no combate, foi a de que somente com a "força sertaneja" seria possível vencer o sertanejo. Nesse sentido, pôde-se observar, na tática utilizada pela "tropa de jagunços" do exército, "o mesmo avançar dos jagunços, célere, estonteador, escapante à trajetória retilínea, num colear indescritível. Não foi uma carga, foi um bote. Em momentos uma linha flexível, de aço, enleou o baluarte sagrado do inimigo"⁽⁴¹⁾.

Dessa forma, o aspecto ambíguo e paradoxal da luta de Canudos, ou melhor, da luta da nacionalidade, de acordo com os escritos de Euclides da Cunha apresenta a marca de uma "vitória dos vencidos", na medida em que as tropas vitoriosas foram, por assim

⁽³⁹⁾ Euclides da Cunha, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 626.

⁽⁴⁰⁾ Euclides da Cunha, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 626.

⁽⁴¹⁾ Euclides da Cunha, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 626.

dizer, miscigenadas em função da força da natureza do sertão. Assim, o que foi observado na última batalha e que não havia mais distinção entre "civilização" e "barbárie", entre "progresso" e "atraso". A marca que *Os Sertões* deixam presente na ideia de nacionalidade brasileira, e portanto na identidade, é a do paradoxo: afinal, o "progresso" e a "civilização", ou seja, a legitimação da República, veio por intermédio de uma violência, estando permeado pela "barbárie". Ao fim e ao cabo, quem perdeu foi a dualidade e a idéia de que a identidade nacional é organizada através da "luta de contrários". Afinal, "os sertanejos invertiam toda a psicologia da guerra: enrijavam-nos os reveses, robustecia-os a fome, empederniam-os a derrota. Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade. Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça. Vinha de molde a dinamite... Era a consagração"⁴²).

Portanto, para Euclides da Cunha e, doravante, para a opinião pública que consagraria seu livro como "a Bíblia da Nacionalidade", a derrota de Canudos foi a vitória do sertanejo. E o contrário também pode ser dito, ou seja, a vitória das tropas do exército, representantes da população brasileira que vivia no litoral "numa civilização de empréstimo", significava a derrota da nação na medida em que a dinamite havia estourado "a rocha viva de uma nacionalidade". No final de *Os Sertões*, Euclides encerra o mito da identidade e introjeta a culpa da organização da nacionalidade brasileira por intermédio do morticínio de seu próprio cerne. Dirá ele: "Fechemos este livro. Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram"⁴³).

Após o combate sangrento que dizimou Canudos, os cadernos de notas dos sertanejos se transformaram na maior relíquia a ser coletada. De acordo com Euclides da Cunha, esta relíquia era disputada aos cotovelos pelos soldados. Foi copiando um deles que

⁽⁴²⁾ Euclides da Cunha, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 629.

⁽⁴³⁾ Euclides da Cunha, *Os Sertões: campanha de Canudos*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 642.

Euclides da Cunha descreve nas páginas de *Os Sertões* uma das profecias de Antônio Conselheiro, líder dos sertanejos:

"[...] Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão: então o certão virará praia e a praia virará certão.

Em 1897 haverá muito pasto e pouco resto e um só pastor e um só rebanho.

Em 1898 haverá muito chapóos e poucas cabeças.

Em 1899 ficarão as águas em sangue e o planeta hade aparecer no nascente como um raio de sol que o ramo se confrontará na terra e a terra em algum lugar se confrontará com o céu...

Hade chover uma grande chuva de estrelas e ahi será o fim do mundo.

Em 1900 se apagarão as luzes. Deus disse no evangelho: eu tenho um rebanho que anda fóra deste aprisco e é preciso que se reúnam porque há um só pastor e um só rebanho' X⁴⁴).

De certa maneira, Antônio Conselheiro tinha razão. Após o combate iniciado em função das convicções advindas desde o movimento das Luzes e sua obsessão pelo progresso e pelo futuro planejado por meio da razão unificadora, só restou um rebanho. Entretanto, este se tornou *Um* através da falta de "Luz". Esse foi o "crime" da nacionalidade, denunciado pela Campanha de Canudos. A questão, como afirma a última frase que encerra o livro de Euclides da Cunha, "é que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades".

Walnice Nogueira Galvão chama a atenção para a compreensão do drama intelectual vivido por um Euclides da Cunha "dilacerado entre sua vontade de resgatar a memória dos canudenses e o saber se sua época que lhe ordena o contrário"⁽⁴⁵⁾, ou seja, um Euclides dilacerado ante a impossibilidade de articular os conceitos que a ciência de sua época lhe fornecia com a sua própria compreensão da população sertaneja e da nacionalidade brasileira (uma tensão entre o

(44) Euclides da Cunha, *ob. cit.*, p. 187. Os trechos com erros gramaticais e de grafia estão citados dessa forma em *Os Sertões*. Euclides da Cunha preferiu deixá-los do mesmo modo que os encontrou nos cadernos dos jagunços.

(45) Walnice Nogueira Galvão, "Os Sertões", in Lourenço Dantas Mota (org.), *Uma Introdução ao Brasil: um Banquete no trópico*, São Paulo, SENAC São Paulo, 1999, p. 162.

visto e o que é possível de ser interpretado, e à qual ele mesmo chamaria "um parêntese irritante"). Afirma ainda a referida autora que, após o massacre do arraial de Canudos, e tendo vindo à tona o fato de que os acontecimentos ocorridos no sertão nordestino nunca haviam constituído um levante monarquista, a opinião pública, em geral, e os intelectuais comentaristas da cena política, em particular, mudaram de opinião (caso, por exemplo, de Rui Barbosa, que havia condenado os canudenses como inimigos da nação e depois, do término da guerra, pronuncia-se pelo contrário). Tudo somado, constata a autora, após o término da Guerra de Canudos "segue-se um *mea culpa* generalizado, cujo exemplo mais perfeito é o livro *Os Sertões*, que procura reabilitar os injustiçados e resgatá-los para a história"⁽⁴⁶⁾. De porte dessa informação podemos entender o que Euclides da Cunha deixa claro desde o início do livro, quando afirma que suas letras serviam de denúncia ao massacre das populações sertanejas.

E, aliás, no contexto desta mesma postura de denúncia e, em simultâneo, de assunção çie uma culpa, que melhor se percebe o investimento euclidiano em matéria de temporalidade. É bem verdade que, como afirma Joel Candau, "a organização de uma 'memória coletiva', de uma identidade nacional, pressupõe uma domesticação ou uma estruturação do tempo", no sentido em que toda a "*mise en mémoire*" supõe previamente uma "*mise en ordre*"⁽⁴⁷⁾. O que já se afigura mais significativo é a forma como essa inevitável re-estruturação do tempo encontra resposta no texto euclidiano, ou, concretizando, é o fato de Euclides da Cunha sujeitar a própria dimensão temporal ao processo de incorporação do ponto de vista do sertanejo a que, como vimos, ele tendencialmente se entrega. O resultado é a adoção da temporalidade escatológica presente na religiosidade dos povos que viviam no sertão.

Com efeito, Euclides da Cunha "tomou emprestada dos canudenses, milenaristas e messianistas, que ali se concentraram para

⁽⁴⁶⁾ Walnice Nogueira Galvão, *ob. cit.*, p. 168.

⁽⁴⁷⁾ Joël Candau, *Mémoire et identité*, Paris, PUF, 1996, p. 4. Ver também, sobre a particular relação entre memória e história, Joel Candau, *Anthropologie de la Mémoire*, Paris, PUF, 1996, e Fernando Catroga, *O Céu da Memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*, Coimbra, Minerva, 1999.

esperar o Juízo Final anunciado pelo fim do século, numa vida de oração para salvar suas almas, a visão escatológica. E mostra como, através da inversão demoníaca das imagens bíblicas que presidem ao mito salvacionista, é possível aderir ao ponto de vista deles. Isto se efetiva através da imitação — ou mais precisamente mimese — da narrativa bíblica, que começa pelo Géneses e termina pelo Apocalipse, por meio do qual foi possível traçar o arco que vai da gênese de Canudos até seu aniquilamento pelo fogo, em conjunção com as profecias bíblicas"^(45**). Quer dizer, o problema da "culpa" introjetada na idéia de nacionalidade brasileira através do genocínio do sertanejo se exprime, inclusive, nessa incorporação do tempo escatológico no universo da memória.

Um universo bastante menos linear do que, sobretudo, ambíguo. Recorde-se que o campo do memorável trabalhado por *Os Sertões* começa por remeter a uma espécie de "cura do passado", nomeadamente quando interpreta o encontro das tropas oriundas das mais variadas regiões do país em Salvador — antiga capital — enquanto movimento de união contra um suposto "inimigo" comum. Uma situação, portanto, em que a narrativa memorial constrói um ritual político de união racial que buscava, em última instância, a anulação de determinado passado recente. Que buscava uma cura. Isto por um lado. Mas, por outro, e como que a dar razão a um Paul Ricoeur, quando ele afirma que "a memória coletiva é o verdadeiro lugar da humilhação, da reivindicação, da culpabilidade, das celebrações, portanto, tanto da veneração como da execração"⁽⁴⁹⁾, ou, mais ainda, a um Jeffrey Andrew Barash, para quem a memória, "dans une dimension historique, s'est montré moins comme une acquis que comme un fardeau" ⁽⁵⁰⁾, é possível registrar, igualmente, que, para efeitos memoriais, o peso da lembrança do "crime" cometido pela nacionalidade no sertão se tornou menos uma aquisição e mais um fardo. Uma culpa.

⁽⁴⁸⁾ Walnice Nogueira Galvão, *ob. cit.*, p. 170.

⁽⁴⁹⁾ Paul Ricoeur, "Dever de memória, dever de Justiça", in Paul Ricoeur, *A Crítica e a Convicção. Conversas com François Azonvi e Marc de Launay*, Lisboa, Edições 70, 1997, p. 170.

⁽⁵⁰⁾ Jeffrey Andrew Barash, "Les sources de la mémoire", *Revue de Métaphysique et de Morale*, n.º 1, janvier-mars, 1999, p. 147.

4. O paradoxo identitário

Sendo certo, quase por definição, que a construção de uma identidade nacional pressupõe de alguma forma um momento tido por fundacional que, justamente em razão do respectivo carácter violento, necessita, posteriormente, de um permanente exercício de legitimação, e sendo também certo que essa legitimação continua a trabalhar, no fundo, os processos diferenciadores requeridos pelo próprio jogo identitário (processos cuja violência se manifesta agora de forma diversa das guerras fundacionais, antes privilegiando a discriminação ou o estigma), é possível fixar o objectivo norteador de tais processos no estabelecimento de imagens e sínteses pré-classifcatórias, destinadas, basicamente, a (re)afirmar a existência de um universo inclusivo e de um outro de sentido excludente, determinando quais as pessoas que fazem parte do universo do *in* e do *out*. Sucede, no entanto, no caso específico brasileiro, que esse processo de afirmação de um universo limítrofe entre o Mesmo e o Outro se tornou extremamente problemático. Porque o Outro (o sertanejo) passou a ser a "essência" do Mesmo, ou, como está escrito nas linhas de *Os Sertões*, o sertanejo se torna o "cerne de nossa nacionalidade".

É na esteira dessa perspectiva que compreendemos que Euclides da Cunha escreveu pensado entre os dois polos desse ritual agregador pelo extermínio que é a organização de uma identidade nacional. Viveu a ambigüidade, no paradoxo de uma identidade construída entre o "Ser" e o "Nada". Buscava extrair daí um devir de nação. Na sua situação, ou melhor, no Brasil em que viveu o autor, ambos os pólos se confundiam a ponto de não ser possível definir qualquer extremo: não haviam "pólos" que possibilitassem definir "a" identidade. As extremidades da alteridade se confundiam, confluindo para o meio, local privilegiado dos limites tênues e de difícil definição.

No nosso entendimento, as imagens acerca do sertanejo construídas por Euclides — e que à primeira vista são encaradas como contraditórias — tal como o "Hércules-Quasímodo" ou a "Tróia de Taipa" do sertão são a expressão máxima do problema enfrentado pelo autor de *Os Sertões*. O pensamento do século XIX, raciológico e evolucionista, aplicado no trópico ficava preso a essa tensão

bipartite⁽⁵¹⁾. Frente à impossibilidade de uma síntese conciliadora, o escritor cedeu à força de comunicação que a imagem de um misto entre a força do grego e o horror do corcunda traz consigo. Deste ponto de vista, o próprio uso do travessão ligando duas palavras aparentemente contraditórias é um detalhe que reveste o máximo significado. Esse fato mostra que no âmbito das relações de alteridade não há dialética que unifique o Mesmo e o Diferente. Sobretudo no caso do Brasil analisado por Euclides da Cunha, onde o *Outro* estava inserido no escopo do Mesmo. Paradoxalmente, apesar de o sertão estar localizado nos "limites da civilização" sem lhe pertencer, o sertanejo, por sua vez, era "o cerne de nossa nacionalidade". O autor enfrentou o difícil problema de abrir a expressão literária a esse complexo jogo de alteridade que organiza a sociedade brasileira.

A utilização desse recurso de linguagem na construção de imagens gráficas onde os "opostos" permanecem não conciliados e são expostos em tensão permanente nos remete para a própria complexidade que envolve o jogo das identidades. *Quem precisa da identidade?* — é mesma a questão que se coloca Stuart Hall. Pela nossa

(51) A esse propósito, argumentamos com Franklin Baumer quando ele afirma que o evolucionismo, compreendido em relação ao positivismo de Comte, significou um passo importante no sentido da relativização das certezas organizadas pela ciência do século XIX. Paradoxalmente, mesmo que tenha representado o enraizamento da historiografia enquanto ciência oficial dezenovista, o evolucionismo também contribui para a falência das "leis gerais da história". No mesmo sentido vão as considerações de Souza, quando afirma que o "Darwinismo questiona implicitamente o posto privilegiado do sujeito pensante na ordem da evolução — como o fizeram, espacialmente no início da era moderna, as descobertas copernicanas — e, isto, apesar da insuficiência óbvia do conceito de ciência que celeremente se deslocou para as bases teóricas do Evolucionismo (embora tal tenha a ver muito mais com Haeckel ou Spencer do que com Darwin em sua reconhecida prudência de generalizações). Está-se às voltas, aqui, com a relativização de algumas caras balizas metafísicas da ocidentalidade, embora, muito provavelmente, não tanto aquelas que se julgaram então atacadas — como certos dogmas eclesiais-ticos — mas, sim, a capacidade de transposição *intelecto-realidade*, um certo otimismo racionalizante, que só iria ruir completamente nas cinzas da Segunda Guerra Mundial" (Ricardo Timm de Souza, *Totalidade e desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*, Porto Alegre, Edipucrs, 1996, p. 20).

parte, manifestámos já, ao longo deste artigo, a preferência pelo conceito de "identificação" para pensar o processo de compreensão do sertanejo, em particular, e da nação, em geral. Mas que tipo de inversão esta alteração efectivamente introduz na problemática identitária? E verdade que, "como processo, a *identificação* opera por meio da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas. A produção de 'efeito de fronteiras'. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora — o exterior que a constitui" (52). Mas, assim colocada a questão, e dado que assim se faz desembocar o debate identitário na noção de fronteira, convirá recordar, de acordo com o argumento de Rui Cunha Martins, que "a fronteira não é, primordialmente, um 'altar de mediação'; porque é igualmente forte, nela, a propensão para fundamentar ambições holísticas"(53).

Parece, em suma, que é a própria pertinência do conceito de identidade que interessa questionar, sobretudo a pertinência de uma identidade relativa a coletividades. Nesse sentido, poderíamos utilizar a obsessão euclidiana pela palavra precisa como motivação para explorar todo o potencial lingüístico da Língua Portuguesa de modo a expressar, por meio dela, um conhecimento diferenciado. Assim, perante o questionamento perene sobre *quem "é" o brasileiro* gostaríamos de propor a troca do verbo "ser", que denota a pretensa apreensão de uma "essência" se aplicado a grupos sociais através de uma a-temporalidade auto-pronunciada, pelo verbo "estar", sugerindo flexibilidade e temporalidade nessa auto-determinação identitária(54). Dessa forma, buscaríamos escapar à sugestão de determinação de "essência" às coletividades, assim como fugiríamos do mascaramento das questões políticas localizadas no tempo presente que, geralmente, são maquiadas como passado por intermédio da narrativa de uma memória que se quer "única" e "coletiva". Nesse sentido, parece mais adequado deslocar a questão e perguntar: *como "está" o brasileiro?*

(52) Stuart Hall, *ob. cit.*, p. 106.

(53) Rui Cunha Martins, "Fronteira, referencialidade e visibilidade", *Estudos Ibero-Americanos*, n.º 1, PUCRS, Edição Especial, 2000, p. 16.

(54) É interessante lembrar que em outras idiomas as ideias de "ser" e de "estar" restam unificadas em um mesmo termo, como por exemplo o verbo "*être*", em francês, e o "*to be*", em inglês.